

ATERRAR: possíveis sentidos das artes corporais no Antropoceno

Cláudia Regina Garcia Millás (UFRJ)¹

RESUMO

Frente ao colapso ambiental que se instaura, em que se apresentam diversos episódios de descaso com o espaço que vivemos, *Aterrar* é uma aula-espetáculo que busca compartilhar com o público estudos (e preocupações) sobre os adventos do Antropoceno a partir da perspectiva das artes da cena. Para compor a narrativa da obra, como forma de ativismo, unindo arte e ecologia, e tentando abarcar a complexidade envolvida, partiu-se da revisão de estudos recentes, publicados nos últimos 10 anos por autores das diversas áreas. Assim, apresenta-se o aterramento como ação necessária para que possamos resgatar o entendimento de pertencimento ao mundo, agregando sentido de cuidado e responsabilidade por ele.

PALAVRAS CHAVE

Antropoceno, dança, ecologia, ativismo, ecological art.

ABSTRACT

Faced with the environmental collapse that is taking place, in which several episodes of disregard for the space we live in are presented, *Aterrar* is a lecture demonstration that seeks to share with the public studies (and concerns) about the advent of the Anthropocene from the perspective of the performance arts. To compose the narrative of the work, as a form of activism, uniting art and ecology, and trying to embrace the complexity involved, we started by reviewing recent studies published in the last 10 years by authors from various fields. Thus, grounding (worlding) is presented as a necessary

¹ Professora Adjunta do Departamento de Arte Corporal da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Artes Cênicas pela UNIRIO. Coordenadora do Grupo de Estudos MUDE – Movimentos Urgentes em Dança e Ecologia. Atua na interface entre dança e ecologia, com projetos multidisciplinares.

action so that we can rescue the understanding of belonging to the world, adding a sense of care and responsibility for it.

KEY WORDS

Anthropocene, dance, ecology, activism, ecological arts.

Aterrar é uma aula-espetáculo, ainda em processo, parte do projeto de pesquisa "Corpo-em-fluxo: práticas corporais para reinventar mundos" da docente do Departamento de Arte Corporal da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Cláudia Millás, em parceria com a artista Érica Tessarolo. Começou a ser gestada no ano de 2021 dentro do Grupo de Estudos *Movimentos Urgentes em Dança e Ecologia* - MUDE, coordenado pela docente em questão e composto por estudantes dos cursos de graduação em dança da referida Universidade e artistas convidadas, que buscam com suas obras ativar o público e despertar interesse pelas questões ambientais vigentes.

Tomando conhecimento das graves consequências das ações antrópicas, como a produção desenfreada de lixo, a poluição das águas, do ar e do solo, a extinção de espécies, as mudanças climáticas e o incentivo de formas agressivas de cultivo, transformando paisagens em locais empobrecidos com sua ordem monocromática de uma mesma espécie, a obra em questão se torna uma contribuição das artes da cena para a reflexão e difusão científica acerca da problemática ambiental presente. Assim, define-se como uma ação artista (RAPOSO, 2015), por tornar-se insurgente, na medida em que vem à tona a partir do sentimento de indignação perante os absurdos que vivemos. Sim, indignação talvez seja o sentimento que motivou a criação do trabalho e impulsionou o seu desenvolvimento, a fim de que pudesse convocar o público a um pensamento crítico, movido pelo desejo de construção de outros mundos. Com isso, busca-se resistir ao que existe e fomentar a mudança, como um “rastilho para se começar a viver o que se sonha” (RAPOSO, 2015, p. 7).

Para tanto, não se trata somente de uma aula com conteúdo, dados e informações, num caráter expositivo e informativo e, tão pouco, se trata de um espetáculo temático sobre questões ambientais. Como tentativa de contribuição das artes da cena, a obra se configura como um híbrido, que busca compartilhar com o público, de forma poética e sensível, os estudos empreendidos, quiçá para ativar nos espectadores algum tipo de

indignação, curiosidade ou mesmo movimento do pensamento. Por saber a dança que não falamos somente com a boca, mas com todo o corpo, *Aterrar* busca estabelecer uma comunicação que ultrapasse o intelecto e se conecte a(fe)tivamente com outras formas de sentir/pensar.

Aterrar é fruto de um trabalho colaborativo, pelo diálogo constante com o Grupo de Estudos e, mais especificamente, com Érica Tessarolo que acompanhou, mesmo à distância, todo o processo de criação, se tornando uma companhia e importante interlocutora do trabalho. Ademais, surge dos atravessamentos constantes provindos das leituras dos textos publicados pelos diversos autores presentes na bibliografia de base, assim como das diversas palestras, aulas, espetáculos e eventos assistidos, que incitavam indignação frente aos absurdos vividos e apresentavam dados, fatos e contextualizações.

Para composição da aula-espetáculo, a sala de ensaio não se resumiu a um único local, específico para o trabalho criativo e corporal. Antes, estendeu-se por todo o espaço que a autora habitava, em suas diversas ações cotidianas, que se tornaram integrantes do seu treinamento corporal expandido. Como parte de seu movimento de vida, evadindo das grandes cidades, no início da pandemia Cláudia Millás passou a residir na zona rural do município de Andradas – MG, fundando o espaço múltiplo ecológico Sítio Árvore Grande.

Neste sítio, a partir do desejo de se aproximar dos meios de cultivo agrário, a autora começou a se dedicar a produzir seu próprio alimento, colocando literalmente a mão na terra, empreendendo os saberes provindos da agroecologia, como uma possibilidade de agricultura menos agressiva ao meio ambiente, que visa a proteção dos “recursos” naturais e, como diria Roberto Caporal, “tentando fugir do estilo convencional de agricultura que passou a ser hegemônico a partir dos novos descobrimentos da química agrícola, da biologia e da mecânica, ocorridos no início do século XX” (CAPORAL, 2004, p. 7).

Acompanhando o movimento da natureza, com suas durações - seja do próprio percurso da luz do sol ao longo do dia e sua transformação ao longo do ano, acarretando nas estações e variações de temperatura - as ações de regar, plantar, revolver, capinar, colher, podar, semear, observar, esperar, se tornaram diárias e contínuas, compondo as práticas corporais que alimentaram o trabalho e agregaram desejos e saberes ao processo criativo. Da mesma forma, as leituras e o contato com os diversos documentos

iconográficos, como filmes, palestras gravadas, aulas virtuais e eventos online, ativaram todo seu corpo e incitaram a ação urgente de transformação.

Paradoxalmente, num movimento solitário, decorrente da necessidade de isolamento social para contenção da pandemia do Covid-19, quando os diálogos com os outros membros do Grupo de Estudos - MUDE se davam de forma virtual, pelas plataformas de videoconferências disponíveis, esta aula-espetáculo foi concebida dentro de um cômodo domiciliar, que a autora transformou em seu espaço de investigação criativo. Com uma única performer em cena, todas as ações, sejam técnicas ou artísticas, como operar o áudio, equipamentos de iluminação e projeção, são realizadas por ela ao longo do trabalho. Partiu-se da possibilidade de relação com uma parede pintada de preto deste cômodo, que servia de lousa para escrever e desenhar, resgatando trabalhos produzidos anteriormente pela autora: *Ao Vestir Vertigens; Ausência/Presença; e Sobre o que desaba e que não sei dizer* (MILLÁS, 2020).

Sendo assim, a construção dramatúrgica do trabalho se deu por meio de um diálogo, bastante interativo, entre os diferentes textos, provindos dos desenhos, movimentos dançados e das ações físicas e vocais. O texto falado em cena evoca conceitos e reflexões presentes nas obras estudadas. As ações físicas são fruto de laboratórios corporais investigativos, contaminadas pelos estudos realizados. E os desenhos, partem da necessidade de que os conceitos possam se materializar, se tornar visíveis e falar de outras formas com o público. Este diálogo entre os textos se tornou um desafio, pois tratava-se de dançar, falar e desenhar ao mesmo tempo, mas sem ter um roteiro fechado de ações, o que permitia a improvisação em cada cena e a mudança dos textos, conforme necessidade do momento.

Torna-se importante ressaltar que nestes textos as vozes dos autores estudados ecoam, sendo eles co-autores da obra, mesmo sem saberem. Entendeu-se que o trabalho necessitava de diálogo com diversas áreas e estudo aprofundado no tema, para que se pudesse apreender sua complexidade e buscar formas de criação sensíveis capazes de ampliar o alcance e difundir a necessidade de cuidado, levando ao público a compreensão da importância e urgência em agir de forma lúcida e sensível.

Porque a ecologia nos enlouquece

Inicia-se a aula-espetáculo *Aterrar* com a performer adentrando no espaço cênico com uma música melancólica, entre silêncios, e com luz baixa que projeta sua sombra na parede do cômodo de forma ampliada. Arrasta uma marreta, objeto composto por uma haste de madeira e uma cabeça de metal, bastante pesada, usada no circo para afundar no chão as estacas que segurarão toda a estrutura do picadeiro circense. Esta marreta, que não pesa menos de 20Kg, simboliza o objeto de estudo do trabalho, a partir do peso, dureza, inflexibilidade e, principalmente, pela dificuldade de lidar, pois como diria Bruno Latour na sua primeira conferência sobre a natureza no Antropoceno: “sem dúvida, a ecologia nos enlouquece”! (LATOURE, 2020, p.31). A marreta é um objeto desajeitado, que força nosso corpo, pedindo outros ajustes e modos de agir, assim como a ecologia que nos faz entrar em contato com problemas diversos decorrentes das nossas ações antrópicas. A performer comenta com o público que por já ter duas hérnias de disco lombares, a pior coisa que poderia estar fazendo era justamente carregando peso, mas elucida que se está fazendo aquilo, é porque sente que é preciso, e mais, porque sabe que é urgente: temos necessidade de entrar em contato com a problemática imposta e buscar saídas.

Escrevendo na lousa, compartilha-se, então, a pergunta que motivou a criação do trabalho: O que é ser Humano? O que é ser um humano? Situa-se que o ser humano, enquanto espécie, é bastante recente na história do planeta, que tem em torno de 4,5 bilhões de anos, tendo a vida surgido na Terra há cerca de 3,5 bilhões de anos. Esse tempo, que os geólogos definem como história geológica da Terra, está dividido em Éons, que contém Eras, que contém Períodos e que, por sua vez, contém Épocas. O ser humano teria surgido somente no final dessa história, há mais ou menos 200 mil anos (KOLBERT, 2015).

Assim, para poder dimensionar as diferentes formas de vida que já habitaram o planeta ao longo desta larga escala de tempo e que compõe a diversidade hoje existente, a performer passa a desenhar na parede diferentes seres e estruturas, buscando revelar com cores, formas, tamanhos, texturas e movimentos, esses distintos modos de existência. Seres maiores e outros menores, mais simples e mais complexos, que vivem no ar, na água, na terra, ou em baixo dela. Seres que nadam, voam, escalam, rastejam, saltam e correm. Mas lembra-se que não somente animais compõem estes seres: plantas, algas, fungos e protozoários compõem a diversidade da Terra.

Com relação às plantas, por exemplo, Emanuele Coccia (2018) questiona que nas cidades as plantas são consideradas “bibelôs supérfluos da decoração” e fora delas, são parasitas (ervas daninhas) ou motivo de cultivo em massa, justificando que nós, enquanto animais, nos identificamos mais com outros animais do que com as plantas, que ficam renegadas, em segundo plano. No entanto, afirma que as plantas “participam da totalidade do mundo em tudo que encontram (...) constantemente expostas ao mundo que as circunda. A vida vegetal é a vida enquanto exposição integral, em continuidade absoluta e em comunhão global com o ambiente” (COCCIA, 2018, p. 12-13). Interrogar as plantas seria compreender o que significa estar-no-mundo, pois “se é às plantas que devemos perguntar o que é o mundo, é porque são elas que ‘fazem o mundo’” (idem, p. 15). Ademais, para além dos seres, a performer resgata a importância de diversos elementos que compõe a Terra, como as montanhas e camadas rochosas, o ar e a água, que se formaram e se transformaram ao longo desse tempo, possibilitando a vida no planeta.

Desta forma, torna-se importante compreender que, como afirma Anna Tsing, os “seres humanos são incapazes de sobreviver sem outras espécies. Somos seres dentro de teias ecológicas e não fora delas. Paisagens multiespécies são necessárias para sermos humanos” (TSING, 2019, 94). Em consonância com o conceito que a autora convoca de paisagem, o desenho na parede não representaria apenas um pano de fundo, inanimado, onde habitamos, mas rastros e sinais de humanos e não humanos, que são protagonistas de suas próprias histórias. Seriam, então, paisagens multiespécies, que poderiam ser entendidas como possibilidades de convivência. Atenta-se também ao fato de outras espécies não serem importantes porque fazem parte do cardápio de alimentação humana, mas porque as paisagens multiespécies são cenários de adaptabilidade. Anna Tsing nos lembra também das espécies selvagens, que realizariam um “imenso trabalho invisível para possibilitar a sobrevivência dos humanos” (TSING, 2019, p. 114).

Neste sentido, acredita-se que precisaríamos dar visibilidade a tudo aquilo que não é humano, tudo aquilo que é externo a nós e que vive, mesmo sem a nossa presença (aliás, talvez até melhor), como o conceito de natureza selvagem abordado por Geneviève Azam (2020). O desenho na parede buscaria revelar esta composição diversa que fez e faz parte do mundo que habitamos, redimensionando a figura humana e trazendo para o mesmo plano de importância outros seres e elementos. Dá-se tempo para que este desenho ocorra, colocando graficamente na parede os diversos modos de existência, mas também no corpo daquela que grifa, que habita estas outras formas de se mover.

Este desenho, como representação de uma paisagem multiespécie, revela que tudo aquilo desenhado cria condição de vida, possibilitando ainda outros tipos de vida, na qual outros seres se beneficiariam e coabitariam o mesmo espaço. Assim, as perturbações causadas pelos seres humanos nestes locais poderiam ser consideradas perturbações lentas, como parte do ecossistema resiliente da época do Holoceno. No entanto, difere-se daquela causada pelos seres humanos no Antropoceno, que trataremos mais adiante neste texto, em que “somos empurrados para novas tecnologias de proliferação da morte” (TSING, 2019, p. 112).

Mas, então, o que marca a passagem de uma época geológica para outra é justamente uma grande extinção em massa, quando pelo menos 75% das espécies desaparecem do planeta. A performer explicita, causando apagamento nos desenhos criados na parede, que isto já ocorreu devido a 4 fatores: climático, vulcanismo, extraterrestre (meteoro) e humano, sendo este último, considerado responsável pela sexta extinção em massa do planeta (KOLBERT, 2015). Este evento de extinção, de escalada monstruosa e que se equipara às grandes extinções ocorridas ao longo dos últimos quinhentos milhões de anos, é algo extraordinário e terrivelmente assustador, pois como diz Kolberg: “nós que vivemos hoje em dia somos não apenas testemunhas de um dos eventos mais raros na história da vida, mas também seus causadores” (KOLBERT, 2015, p. 16). Estima-se que nesta sexta extinção em massa que estamos vivendo e da qual somos os responsáveis: “um terço de todos os recifes de corais, um terço de todos os moluscos de água doce, um terço dos tubarões e arraias, um quarto dos mamíferos, um quinto de todos os répteis e um sexto de todas as aves estão a caminho do desaparecimento” (KOLBERT, 2015, p. 27).

O que está sendo dito é que o Ser Humano, egocentrado, agenciando todos os elementos e seres vivos da Terra a seu dispor, conseguiu, em pouco tempo, se tornar um elemento geológico e agente geomórfico com efeitos semelhantes ou até mesmo maiores do que forças geofísicas da natureza, como a atração gravitacional, o fluxo de calor que gera campo magnético da Terra e as ondas sísmicas que resultam em terremotos, erupções vulcânicas e movimento do magma (MENDES, 2020).

Bem-vindos ao Antropoceno!

Inaugura-se, então, uma nova época geológica: o Antropoceno. Termo este, sugerido por Paul Crutzen e Eugene Stoermer (2000), que seria uma tentativa de nomear o momento presente, dimensionando o impacto humano não somente local, mas que afeta esferas naturais maiores, como a Litosfera, Hidrosfera, Biosfera, Atmosfera e Criosfera, desestabilizando o funcionamento normal do Sistema e tornando seu comportamento cada vez mais difícil de prever. A transição do Holoceno, época anterior, para o Antropoceno, representaria uma ruptura, da estabilidade para a instabilidade, e que a espécie humana, que seria compatível com o momento anterior, agora estaria fadada a desaparecer no futuro (LATOURE, 2020).

Por não ter sido ainda oficializado pela União Internacional das Ciências Geológicas, o termo se torna um indicativo, com uso cultural, de que a humanidade influencia de forma significativa o meio ambiente em escala global (MENDES, 2020). O autor Paul Crutzen (2006) projeta ainda que os impactos das atividades humanas atuais na Terra e na Atmosfera, irão durar por longos períodos, apontando estudos que estimam que as emissões antropogênicas de CO₂ passadas e futuras, por exemplo, irão durar por 50 mil anos!

Para adentrar nessa época a performer se equipa com vestuário de combate, utilizando botas, calça, camisa de manga comprida, máscara e luvas. Introduce uma música marcada e com percussão forte, sons mecânicos e estridentes. Neste campo de batalha, passa a (d)enunciar as transformações que vemos serem causadas no planeta: desmatamento; aquecimento global; agravamento do efeito estufa; acidificação dos oceanos; poluição das águas, do ar e do solo; LIXO, LIXO, LIXOOOO; guerra, fome, desigualdade social; concentração de riqueza; CAPITALISMO; alienação; liquidez das relações; sociedade descartável; EXTERMÍNIO, ódio, perda da biodiversidade.

A indignação frente a tudo isso, faria a performer vociferar estas transformações. São dois minutos e meio de fúria, gritando e investindo golpes na parede, riscando, pisoteando, chutando e batendo nela. Após este episódio, apesar da música mudar seu clima frenético, a performer persiste na ação, mas bastante esgotada, resvalando e caindo a partir dos seus próprios golpes. Desaba insistentemente, como se lhe fosse tirado o chão que até então pisoteava. Cansada, retira a máscara para respirar e olhando para a marreta pergunta se mais alguém está sentindo o peso dela e a urgência de agir diante da iminente

queda. Atualiza a ação mencionada, sustentando a marreta no ar e dimensionando o estrago que faria no chão da sala e em si mesma, quando caísse.

Não poderia deixar de ser mencionado as denúncias presentes nas falas indignadas de ativistas e líderes indígenas, como Ailton Krenak (2020a, 2020b), que nos últimos anos passou a ter visibilidade e espaço de fala nos diversos eventos científicos e culturais do país. Em seus textos, cujos títulos revelam de forma sintética os absurdos que vivemos, como “A vida não é útil”, “O amanhã não está a venda” e ainda “Ideias para adiar o fim do mundo”, são expostas críticas ao sistema econômico vigente e às formas de vida dele engendradas que olham para o planeta como cifrão e dele pretender tirar até a última gota: “a ecologia nasceu da preocupação com o fato de que o que buscamos na natureza é finito, mas o nosso desejo é infinito, e , se o nosso desejo não tem limite, então vamos comer este planeta todo” (KRENAR, 2020a, p. 97).

Neste momento da aula-espetáculo o ambiente se encontra esfumaçado, com poeira suspensa, muitos gizes jogados no chão e a parede toda rabiscada, com diversas intervenções agressivas. A performer mostra as marcas deixadas na parede como referência à pegada ecológica do Ser Humano no mundo, os rastros que deixamos quando: alteramos a rota de um rio; soterramos uma nascente; derrubamos uma floresta para construir uma cidade, cimentando e asphaltando o solo, impermeabilizando tudo; cultivamos uma única espécie de planta em uma grande extensão de terra, definindo quais vidas terão o direito de serem vividas e aniquilando todas as outras; retiramos aqueles combustíveis fósseis que estavam lá em baixo da terra, como estoques naturais de gás carbônico, que levaram milhares de anos para se compor, e queimando estes gases, lançando-os na atmosfera, contribuindo para o agravamento do efeito estufa; fatiamos uma montanha e extraímos seus minerais; nos espalhamos pelo planeta e ocupamos toda a crosta terrestre, impondo nosso modo de vida e condições, e nos colocando como a espécie mais importante.

Neste sentido, como afirma Rachel Carson (1969), busca-se demonstrar que foram necessários centenas de milhões de anos para que o meio ambiente se tornasse propício à vida e que o ser humano em pouco mais de cem anos conseguiu alterar drasticamente. Assim como esta autora, questiona-se também as criações sintéticas de substâncias químicas e radioativas inorgânicas, que não possuem equivalência na natureza e se encontram “fora dos limites da experiência biológica” (CARSON, 1969, p. 23). Busca-se

incitar sobre o uso indiscriminado dos inseticidas (pesticidas e herbicidas), que Carson prefere chamar de “biocidas”, levantando a questão: “será que alguém acredita que é possível lançar tal bombardeio de veneno na superfície da Terra sem torna-la imprópria para a vida?” (idem, p. 24). Pensemos que em 1962 a autora já mencionava os danos causados por tais produtos e alertava para os riscos crescentes, e agora, sessenta anos depois? Se os dados da época já eram alarmantes, que dirá agora?

Ademais, para que possamos sair do romantismo existente sobre o cultivo agrário, contextualiza-se que a agricultura é uma intervenção na natureza, mais ou menos agressiva, a depender dos modos de cultivo, de forma que o homem domestica uma planta, seleciona as espécies e diz quem vai poder viver e quem vai morrer (MANCUSO, 2019). Neste sentido, reduzimos a biodiversidade pelo nosso interesse e limitação de compreensão da importância de cada organismo e indivíduo, por nos colocarmos como espécie superior hierarquicamente, a partir da qual todas as outras estariam subjugadas.

Vale ressaltar, que ao longo do percurso trilhado pelo Grupo de Estudos *Movimentos Urgentes em Dança e Ecologia* - MUDE, discutiu-se sobre o chamado “verniz verde”, como tudo aquilo que o capitalismo captura e transforma, trazendo para si determinado termo ou discurso, apropriando-se dele e usando-o dentro das suas lógicas para perpetuar o lucro, acima de tudo. Ou seja, se o sistema percebe que as questões ecológicas e ambientais estão em voga, no cerne de determinadas discussões, disfarçar-se de verde, colocando metaforicamente uma capa envolta de si, como um verniz, que está somente na sua superfície, para tentar conquistar determinado público. Assim, o capitalismo logo associa este tema à sua lógica e passa a se utilizar do seu discurso para vender seus produtos, concretizando sua finalidade.

Desta forma, as integrantes do Grupo de Estudos, temendo serem capturadas, mas sabendo do risco sempre presente, buscaram cotidianamente estar atentas e cuidar, para não adentrar, ou pelo menos resistir, à lógica perversa do capitalismo, em que somente se reproduzem padrões. Debateu-se para que fosse possível ter uma autocrítica sobre os próprios fazeres artísticos e pedagógicos, reconhecendo, com lucidez, as impossibilidades e frustrações, quando capturadas ou mesmo quando mal conseguiam sair do domínio capitalista. Igualmente, cuidou-se para não criar generalizações e para não romantizar determinadas questões, como a crença numa saída fácil e dada de antemão para o problema, nomeando um salvador para a problemática instaurada.

Humanos versus Terráqueos

Ao falar de Antropoceno precisamos questionar sobre qual humanidade estamos nos referindo, pois dentro do *Anthropos*, presente no termo, existem humanidades distintas com distintos modos de vida. Portanto, não se trata de uma humanidade unificada, como se tivesse uma identidade comum e como se fosse universal (LATOURE, 2020). Assim, seria nossa responsabilidade separar quem é quem nessa história.

Geneviève Azam propõe que separemos “o ‘nós’ dos terrestres e o ‘eles’ dos poderes criminosos e seus cúmplices” (AZAM, 2020, p. 48). Para esta autora, seria obrigação de quem fabrica e vende, lidar com os descartes, resíduos e rejeitos daquilo que vende, por exemplo. Mas ao invés disso, como resultado da perversidade das políticas neoliberais do sistema capitalista, o que vemos são as empresas repassarem a responsabilidade aos consumidores, alegando que, assim, estariam incentivando “pequenos gestos” civilizatórios, o que gera ausência de regras coletivas obrigatórias e de regulamentação na produção. Nesta lógica perversa, a mesma empresa que envenena também produz e vende o remédio para a doença causada pelo veneno. Completa-se o ciclo de produção do capitalismo em que uma única empresa cria o problema e a solução, lucrando em todos os casos.

Retomando a pergunta inicial, “O que é ser um Humano?”, propõe-se diferir o Humano do Terráqueo, pois se a humanidade estaria ligada aos adventos apresentados do Antropoceno e responsável pelo seu próprio fim, os Terráqueos seriam aqueles que habitam a Terra, com todos os outros seres terrestres, numa composição multiespécie, coabitando com o diferente, num Pluriverso, abertos à vertiginosa alteridade das existências com seus modos plurais, nas suas múltiplas formas de existir e se relacionar entre si. Aterrorar, como propõe o título do trabalho, estaria relacionado, então, a ação de regresso à condição terrestre, em que nos efetivamos enquanto seres da Terra, em contraposição com as ações humanas desta época do Antropoceno. Esta poderia ser uma forma de nos colocarmos diante de Gaia e evocarmos, numa cosmovisão, as diversas qualidades de relação entre os existentes, concebendo que existem outros modos de vida, para além do nosso, com outros seres, não humanos. Como convoca Azam:

ao longo do caminho, você nos guia pelas muitas vias de regresso à nossa condição terrestre (...). É também daí que podemos apreender as

múltiplas retomadas da vida e a aspiração de criar condições (...) para viver e não apenas sobreviver sob uma redoma segura e com ar condicionado (AZAM, 2020, p. 44).

Em *Aterrar*, após estas denúncias e reflexões mencionadas, instaura-se um momento de suspensão para que se possa sentir o que chamamos de Planeta Terra. Projeta-se uma imagem na parede, que não tem identificação à princípio. De forma suave, a performer adentra nesta luz e deixa que o espaço suspenda o seu corpo, criando movimentos. A música se torna mais lenta e ondulante. Aparece uma cor azul que talvez possa se assemelhar ao mar, relacionando o movimento dançado com a imagem do corpo a boiar nas águas. Aos poucos, revele-se o globo também suspenso neste espaço sideral, a girar. A performer põe-se, então, a orbitar com ele. Busca-se suspender o juízo, para que se possa adentrar num outro tempo, de contemplação, oxigenando os corpos e olhares. E em meio a este movimento de coabitar o espaço, de forma inesperada, após alguns minutos, escutam-se estrondos e rompe-se a projeção, instaurando a escuridão total.

(Silêncio).

E depois do fim? Um percurso de cuidados

Poderia ser este um final, depois da queda, fazendo referência à “queda do céu” presente na cosmovisão Yanomami (KOPENAWA; BRUCE, 2015). Neste momento, traz-se a imagem do mundo em ruínas, que estamos vivendo, como diria Anna Tsing (2019). Isto quer dizer que a problemática que enfrentamos não se situa no futuro e, portanto, não se trata do que está por vir, mas do que já se manifesta: trata-se do tempo das catástrofes em que vivemos. Em “No tempo das catástrofes”, a autora belga Isabelle Stengers (2015) traça um projeto de nomear Gaia como uma força intrusa que causa desastres, sendo cega e indiferente aos danos causados. A questão se põe por afirmar que Gaia não está ameaçada, quem está ameaçado somos nós, viventes. Ademais, não estaríamos vivendo um momento passageiro, que poderia terminar e ter um final feliz, mas, ao contrário, a autora afirma que necessitaremos responder incessantemente pelo o que fazemos diante de um ser indiferente a nós.

Neste viés, a problemática climática não seria uma crise, mas uma emergência, sem precedentes. Stengers (2015) admite ainda que cientistas diversos tentaram fazer soar

o alarme, apesar das tentativas de silenciá-los, apontando, assim, para a necessidade de engajamento real de todos nós para a criação suposta de um outro mundo possível.

Em consonância com Isabelle Stengers (2015), o presente trabalho insiste que lutar contra Gaia não teria sentido. Ao invés disso, deveríamos então compor com ela e lutar contra o domínio do capitalismo. Ao nomear Gaia, a intrusa, proclama-se a urgência em agir, com “práticas de luta novas” (STENGERS, 2015, p. 34), sendo necessário responder agora, conforme Gaia nos convoca a pensar, fazer e imaginar, pois não temos escolha. Movimentos *slow*, por exemplo, que se recusam a entrar na onda desenfreada do capitalismo, que se opõe à aceleração de consumo, podem ser os aliados para esta luta. Também aprender, à maneira dos povos antigos, a não ofender Gaia, entendendo mais uma vez, que a sua intrusão não se trata de um “momento difícil que vai passar”.

Percebe-se, assim, que temos que ter cuidado e honrar a divindade assinalada. O que acontece é justamente que fomos obrigados, pelo capitalismo, a esquecer **a arte de ter cuidados**, no sentido que este necessita ser cultivado. Precisamos, então, desacelerar e ter cuidado. Nesta direção, Latour afirma que: “não existe cura para o pertencimento ao mundo. Mas, pelo cuidado, é possível se curar da crença de que não se pertence ao mundo” (LATOURE, 2020, p. 31). Este autor sugere ainda que precisaríamos descobrir um percurso de cuidados, a partir de uma outra maneira de sentir a passagem do tempo. Seria como progredir ao contrário: retrogredir. Neste sentido, Gaia poderia ser apresentada como “uma oportunidade para o retorno à terra que permite uma versão diferenciada das qualidades específicas que podem ser exigidas das ciências, das políticas e das religiões” (LATOURE, 2020, p. 19).

Como questiona Latour (2020), seria então o Antropoceno a época do humano ou do desaparecimento dele? E o que fazer? Aqui apresenta-se a ideia de que não temos mais como somente contemplar a tragédia, como espectadores, num lugar distante e inatingível, como se aquilo não nos dissesse respeito e do qual não fizéssemos parte, pois todos os lugares já foram mobilizados pelas ações antrópicas. Estamos, então, diante de Gaia. Talvez, como afirma Bruno Latour (2020) já seja tarde demais para fazermos qualquer coisa, pois tomamos conhecimento tardiamente. Nas palavras deste autor, somos “humanos ternosamente surdos e impassivelmente sentados, imóveis, enquanto o antigo cenário de suas antigas intrigas está em vias de desaparecer a uma velocidade

assustadora!” (LATOURE, 2020, p. 179). Portanto, o que estamos vivendo, não seria apenas “um espetáculo que se pode apreciar à distância; mas fazemos parte disso” (idem).

No escuro, se colocando no problema e permanecendo nele, como pede Donna Haraway (2016), a performer, de forma tateante, busca por algo no espaço. Ao encontrar um isqueiro, com uma pequena chama, passa a visualizar os escombros, de tudo aquilo que sobrou com a “queda do céu” e a partir daí, com estes elementos, constrói a última cena. Buscando resgatar o sentido simbólico da vida, presente nos rituais ancestrais, acende vela por vela e passa a criar sua dança deste tempo e desta condição, entoando cantos, celebrando a vida e buscando criar condição para que algo se sustente.

Para finalizar este texto, entende-se que o trabalho entre dança e ecologia se compõe por meio de uma espécie de mutualismo transdisciplinar (TSING, 2019), quando necessita estabelecer colaborações com diferentes áreas de conhecimento, com preocupações comuns em torno dos impactos ambientais causados pelas ações antrópicas, que culminam nesta nova época denominada de Antropoceno. Talvez esta seja uma tentativa, sim, de encontrar aliados: aqueles aos quais podemos nos unir e somar forças para pensar, buscar e criar outros mundos possíveis. Assim como percebem os diversos autores supracitados, com quem busca-se criar diálogo ao longo de todo o trabalho, reconhece-se a lástima de ter sido necessário chegarmos no ponto de vivermos em ruínas, para que pudéssemos olhar uns aos outros fora dos preconceitos, buscando enxergar o que temos em comum.

REFERÊNCIAS CITADAS

AZAM, Geneviève. **Carta à Terra: e a Terra responde**. São Paulo: Relicário, 2020.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CARLSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

COCCIA, Emanuelle. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

CRUTZEN, Paul J. **The “Anthropocene”**. In: Ehlers E., Krafft T. (eds) *Earth System Science in the Anthropocene*. Springer, Berlin, Heidelberg: 2006. https://doi.org/10.1007/3-540-26590-2_3

CRUTZEN, Paul; STOERMER, Eugene. The “Antropocene”. **Global Newsletter** 41, 2000, p. 17-18.

HARAWAY, Donna J. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Dukes University Press: Dyrham e London, 2016.

KOLBERT, Elisabeth. **A sexta extinção: uma história não natural**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das letras, 2020a.

_____. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2020b.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no antropoceno**. São Paulo / Rio de Janeiro: Ubu Editora / Ateliê de Humanidades Editorial, 2020.

MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro**. São Paulo: Ubu, 2019.

MENDES, João Ribeiro. The Anthropocene: scientific meaning and philosophical significance. **Anthropocenica**. Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica. V. 1, 2020, página 71-89.

MILLÁS, Cláudia Regina Garcia. Trilogia do corpo no espaço: influências da prática de escalada na criação cênica em dança. **Urdimento**, Florianópolis, v. 2, n. 3, 8 ago/set 2020.

RAPOSO, Paulo. “Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências. **Cadernos de Arte e Antropologia**. Vol. 4, n.2/2015, p. 3-12.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima**. São Paulo: Cosac&Naify, 2015.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno.
Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.